acsurs informa

MALA DIRETA
POSTAL BÁSICA
9912343906/2014-DR/RS
ACSURS
CORREIOS

Informativo da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul
www.acsurs.com.br

Ano 20 10/07/2020 Edição 618

ABCS
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE SUÍNOS

DIA DO SUINOCULTOR

Atividade exige dedicação

O dia 24 de julho foi instituído como o Dia do Suinocultor, porém, a suinocultura é uma atividade que impõe ao produtor muita dedicação durante os 365 dias do ano.

Páginas 6 e 7

46º Dia Estadual do Porco

Organização transfere evento para 2021 devido à pandemia de Covid-19.

Página 3

Ação de prevenção e orientação

Acsurs reproduz material educativo e distribui para suinocultores gaúchos.

Página 8

Parceiros da Suinocultura Gaúcha

agrifirm
MIGPLUS AGROINDUSTRIAL
de heus
minitube
AGRO SINOS Agronegócios

Sua empresa quer ser uma PARCEIRA e ter sua marca divulgada aqui? Informe-se através do (51) 3712-1014.

COM A NOSSA TECNOLOGIA,
NADA VAI ENTRAR NA SUA GRANJA.
SÓ O LUCRO.
A introdução regular de novos animais na granja representa um risco para a biossegurança.
AGPIC Plus é um inovador Sistema de Rebanho Fechado com autorreposição de matrizes, no qual nenhum animal entra depois do povoamento da unidade de produção. Nem fêmeas, nem reprodutores*.
Com o AGPIC Plus, o produtor reduz o risco de agentes infecciosos externos, diminui muito a incidência de doenças, estabiliza a imunidade do rebanho e faz menor uso de medicamentos.
Tudo com o máximo progresso genético, pois utiliza a Genética Líquida Agroceres PIC, com a última geração de melhoramento.
E mais: o produtor beneficia-se do exclusivo Programa PICTraq, que monitora a qualidade das leitoas de reposição e garante a evolução genética do plantel.
*Recomendado para unidades de produção com plantel acima de 2.000 fêmeas.
AGPIC Plus
Genética Líquida AGPIC
Qualidade Certificada
agroceres
PIC

DIA ESTADUAL DO PORCO

46º edição será transferida para agosto de 2021

TEXTO: SIMONE JANTSCH

ESTADO - Realizado anualmente no Rio Grande do Sul, sempre na segunda sexta-feira do mês de agosto, o Dia Estadual do Porco previsto para 2020 será transferido para 2021.

A alteração da data vem em função da pandemia de Covid-19. Em sua 46ª edição, o evento que já é tradicional entre os suinocultores gaúchos tem como nova data 13 de agosto de 2021. "A Acsurs juntamente com a copromotora decidiram pelo adiamento com o objetivo de preservar e evitar problemas de saúde do nosso público. Consideramos prudente mudar a data para 2021 porque não tem sentido colocar em risco àqueles que nos prestigiam, e também pelas determinações legais do Governo do RS pois, enfim, não sabemos como estará o cenário da pandemia neste mês que é o tradicional de realização do Dia do Porco", comenta Valdecir Luis Folador, presidente da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul – ACSURS, promotora principal do evento. Folador lembra do fato ocorrido em 2009, quando o evento estava agendado para acontecer em Barra do Rio Azul e precisou ser transferido para o ano seguinte devido ao surto de H1N1, a famigerada gripe suína.

O suinocultor e empresário Gilberto Zanotto, prefeito de Paraí, que é a cidade copromotora do 46º Dia Estadual do Porco, lamenta o adiamento. "É uma lástima porque Paraí estava há algum tempo tentando sediar o Dia Estadual do Porco", comenta ele. "Torcemos para que o evento venha para a cidade em 2021, pois trata-se de um importante acontecimento que atrai suinocultores e outros profissionais de todo o RS e de fora dele, gerando visibilidade ao anfitrião, ao trabalho dos suinocultores paraienses e da região".

Itinerante

O Dia Estadual do Porco é um evento itinerante, que a cada ano é realizado em uma cidade gaúcha diferente, que tenha a suinocultura como uma de suas principais atividades econômicas. A solicitação para sediar o evento deve ser feita à Acsurs pelo Município através de ofício. Mais informações através do acsurs@acsurs.com.br

PATROCÍNIO

São patrocinadores do 46º Dia Estadual do Porco as empresas De Heus e Machado Agropecuária na Cota Diamante; BSBIOS, DNA Genética Animal, Embio, Importherm, Mig-PLUS, Minitube e Topgen na Cota Ouro; American Nutrients, Botânica EPIs, Cargill/Nutron e Choice Genetics na Cota Prata; Agroceres Multimix, Agroceres PIC, Farmabase, Huvepharma do Brasil e Protec na Cota Bronze. Apoio institucional: Associação Brasileira dos Criadores de Suínos. Apoio de Mídia: O Presente Rural.

ACSURS Informa

Tiragem: 1,5 mil exemplares.
Impressão: Grafocem.

Publicação mensal.
Distribuição gratuita.

Fecho desta edição: 09/07/2020.

Coordenação Geral e Revisão:
Presidente
Valdecir Luis Folador
presidente@acsurs.com.br

Jornalista Responsável:
Simone Jantsch (DTR/RS 15.244)
imprensa@acsurs.com.br
Redação:
Bruna Gomes Stahl - Estagiária em Jornalismo

Revisão:
Fernando Gimenez - Diretor Executivo

SEJA UMA EMPRESA PARCEIRA DA SUINOCULTURA GAÚCHA

INFORMAÇÕES:
IMPRENSA@ACSURS.COM.BR

ESPAÇO TÉCNICO
Texto assinado pela médica veterinária Marina Lima
Profissional da unidade de Suinocultura da MSD Saúde Animal

MSD Saúde Animal

Atentos aos prejuízos silenciosos

Em um contexto de produção altamente tecnificada, como é o caso da suinocultura, deixar de identificar situações de perda de produtividade do sistema não é uma opção. Sabendo-se que a sanidade é decisiva para os retornos zootécnicos e econômicos da produção animal, é primordial que doenças que podem se manifestar de forma "silenciosa" ganhem atenção especial dos suinocultores.

Dentre estas doenças, está a ileíte, uma infecção intestinal causada pela bactéria *Lawsonia intracellularis*, a qual se estima que possa promover perdas entre USD 5,98 e USD 17,34 por suíno. A ileíte pode se manifestar na sua forma clínica aguda, mas é mais comum nas suas formas crônica ou subclínica, cujos sinais de identificação são sutis. Por esse motivo, é comum que a doença não seja observada ou até mesmo que seu impacto seja subestimado por muitos produtores de suínos.

Na infecção aguda, há sinais clínicos clássicos, como diarreia sanguinolenta, palidez e anorexia, facilmente identificados nos animais de terminação. Em contrapartida, sinais menos distintivos, como diarreia e diminuição de consumo, são observados nas infecções crônicas, enquanto as infecções subclínicas estão presentes sem a apresentação de sinais clínicos aparentes. Mesmo com suas divergências, todas as manifestações da ileíte estão relacionadas a perdas significativas de desempenho zootécnico dos animais.

As principais perdas de desempenho são associadas à desuniformidade dos lotes, redução do ganho de peso diário (GPD) e piora da conversão alimentar (CA) dos animais. Grande parte do prejuízo causado pela doença vem do fato de que a ileíte, seja ela aguda, crônica ou subclínica, causa lesões nos intestinos dos suínos acometidos. Essas lesões são encontradas principalmente no intestino delgado, onde ocorre a maior parte da absorção dos nutrientes, trazendo consequências negativas ao crescimento e ao desenvolvimento dos animais.

Em rebanhos positivos para a doença, outros prejuízos a campo encontrados são o aumento de mortalidade, do período de alojamento até o abate, e da necessidade de intervenção com antibióticos. Dependendo da categoria animal afetada, o impacto pode ser maior, como é o caso da doença em matrizes, em que há aumento da mortalidade e efeitos negativos nos índices reprodutivos. É importante ressaltar que os prejuízos causados pela ileíte também podem se estender além dos obtidos nas granjas. No frigorífico, pode haver condenações intestinais durante a inspeção, a depender do grau das lesões provocadas pelo agente. As condenações intestinais causam impacto negativo no frigorífico pois produtos obtidos a partir do intestino desviado, como a mucosa intestinal e os envoltórios naturais, acabam sendo descartados, em vez de seguirem a sua destinação comercial, causando prejuízos econômicos substanciais.

Perdas adicionais relacionadas à doença devem ser sempre consideradas, portanto precisamos nos manter atentos e cogitar outras possibilidades de perda ainda desconhecidas, principalmente no frigorífico, onde a influência da doença é pouco estudada. Pensando nisso, mesmo os intestinos não condenados durante a inspeção podem apresentar integridade comprometida, em virtude das lesões causadas pela *Lawsonia intracellularis*. Vale ressaltar que, uma vez aprovados na inspeção, os intestinos com provável comprometimento de integridade, inclusive da camada intestinal utilizada como envoltório natural, seguem para o setor de triparia.

> "É imprescindível que haja o controle eficiente da *Lawsonia intracellularis* nas granjas de suínos.

Diante dessa possibilidade, há a hipótese de que a bactéria também possa estar associada a prejuízos durante a obtenção e a utilização de envoltórios naturais. Tripas frágeis ou com furos geram descartes de matéria-prima, além de desperdícios, como gastos com energia elétrica e com mão de obra devido à maior demora no processo de fabricação dos produtos embutidos.

Considerando as perdas provocadas pela ileíte, em qualquer de suas formas, é imprescindível que haja o controle eficiente da *Lawsonia intracellularis* nas granjas de suínos. Dentre os métodos de controle destacam-se os recursos curativos com antibioticoterapia, medidas de biosseguridade e, por fim, o controle preventivo com a adoção de vacina. A vacinação é o método mais eficaz e econômico no controle da ileíte, além de contribuir para a redução do uso de antimicrobianos. Porcilis® Ileitis (MSD Saúde Animal) é uma vacina inativada de dose única indicada como ferramenta importante no controle da ileíte e na redução de colonização e excreção fecal bacteriana, que confere pelo menos 20 semanas de imunidade. Como resultado da vacinação, espera-se que a Porcilis® Ileitis seja capaz de mitigar os prejuízos a campo e possivelmente no frigorífico, decorrentes da ileíte causada pela *Lawsonia intracellularis*.

Conhecer profundamente os prejuízos, estar aberto a reconhecer perdas ainda ignoradas e prevenir que essas perdas aconteçam são, portanto, estratégias importantes para manter, além da saúde e do bem-estar dos animais, a saúde dos seus negócios.

ESPAÇO TÉCNICO
Texto assinado pela médico veterinário Bruno Teixeira Marimon
Assistente Técnico-Comercial da Minitube

Utilização de quarentena para introdução de animais no plantel

Estamos vivendo um momento muito delicado e que trouxe grandes mudanças para todos. A Covid-19 fez toda a forma de viver em sociedade ser repensada e termos como 'quarentena' e 'isolamento social' passaram a ser comuns em todos os campos de atuação. A necessidade de isolamento se fez necessária para conter o avanço do vírus e evitar o colapso dos sistemas de saúde. Contudo, a quarentena não é uma técnica nova e há muitos anos já é usada na suinocultura, seja em granjas de reprodutores, unidades de produção de leitões (UPL's) ou centrais.

A quarentena consiste em fazer um isolamento dos animais de reposição antes de entrarem no rebanho, com o objetivo de verificar clínica e laboratorialmente o perfil de saúde dos animais. O local onde este manejo é feito é normalmente chamado de quarentenário e deve ser completamente isolado dos pavilhões da granja, devendo conter todos os requisitos de biosseguridade exigidos para uma granja de reprodutores, como barreira sanitária, perímetro cercado, controle de vetores, entre outras medidas. A quarentena é uma medida recomendada para todas as unidades que precisam receber animais de fora do sistema de criação, como leitoas de reposição em uma UPL ou machos reprodutores em uma central de IA.

O período em que os animais devem permanecer em quarentena é variável, podendo depender de fatores como o fluxo de entrada dos animais, viabilidade das instalações e quais as doenças alvo. Contudo, o recomendado é que não dure menos que 28 dias, sendo que quanto maior for o período em isolamento, maior será a eficiência na prevenção e identificação de possíveis patógenos. Entretanto, períodos longos de quarentena acarretam maiores custos e aumento nos dias não produtivos da granja.

O uso de animais sentinela pode auxiliar a identificação de agentes patológicos durante o período de quarentena. Esse manejo consiste em alojar animais da granja destino no quarentenário junto com os animais que entrarão no rebanho. Como os animais do plantel são sensíveis aos novos agentes, a observação de sinais clínicos e/ou resultados de exames sorológicos, nos animais sentinela poderão indicar com mais clareza a presença destes agentes.

Outro momento em que a aplicação da quarentena é de grande importância é na introdução de animais no país. Para estes casos, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) possui a Estação Quarentenária de Cananéia, localizada no município de Cananéia, no Estado de São Paulo. A estação é equipada para receber animais, tanto para importação, quanto para exportação e de diversas espécies, como suínos, aves, bovinos e outros. Além disso, conta com laboratórios, salas de treinamento e alojamentos.

A não utilização de um programa de quarentena pode trazer riscos para o plantel. Sem o correto manejo de isolamento, animais que são introduzidos podem levar consigo agentes patogênico que podem causar transtornos e perdas econômicas para as granjas. Assim, a quarentena consiste em um manejo extremamente importante, seja para evitar a entrada de novos agentes em um rebanho ou para evitar a transmissão de doenças.

DIA DO SUINOCULTOR

Suinocultores demonstram a força

TEXTO: SIMONE JANTSCH

Três gerações reunidas na 'lida' da Granja Vier, em Cândido Godói

ESTADO - Eles trabalham de segunda a segunda. Faço chuva ou sol, frio ou calor, os suinocultores não param. E em tempos de pandemia, produtores relatam dificuldades, mas não deixam para trás a atividade que tanto amam.

Suinocultor de Cândido Godói, Laurindo José Vier (52) diz jamais ter passado por uma situação parecida ao longo dos tantos anos de atuação na suinocultura. Ele refere-se justamente ao cenário instaurado por causa da Covid-19, que alastrou-se no país. "2020 iniciou-se bastante positivo, porém, em março fomos surpreendidos com esta pandemia", conta. Segundo ele, o fechamento de setores de trabalho resultou na redução do consumo no mercado interno e, consequentemente, na redução no abate. Com a alta oferta de suínos, veio a dificuldade na venda dos animais.

E, enquanto muitos profissionais deixaram os escritórios para realizar o home office, Laurindo e a família precisaram se adaptar ao "novo normal". Assim como tantos outros suinocultores, precisou se readequar e dar continuidade às atividades na granja, para que a carne mais consumida do mundo não faltasse à mesa dos consumidores. "Ainda enfrentamos a alta dos custos de produção – principalmente do farelo de soja e milho – e dos medicamentos, por causa da alta do dólar", comenta.

Mesmo assim, Vier não perde o entusiasmo ao falar sobre suinocultura. Ele conta que o filho Jean Carlos (23) gosta da atividade e que está "praticamente tocando a granja". "Deverá seguir na suinocultura", avalia. Não seria por menos, já que tem como exemplo, além do pai, o avô Nelson Vier, que aos 80 anos ainda acompanha o trabalho feito na granja.

24 de julho, Dia do Suinocultor

O Dia Nacional do Suinocultor foi instituído através do Projeto de Lei - PL 3519/2008, transformado na Lei Ordinária nº 12635/2012, publicada no dia 14 de maio de 2012 no Diário Oficial da União.

A escolha do dia 24 de julho se deve à proximidade com o Dia Nacional do Agricultor, celebrado anualmente no dia 25 de julho.

Valorização

Aos 26 anos, Mateus Filippi demonstra proatividade na atividade da suinocultura. Ele assumiu recentemente a presidência da associação municipal dos produtores de suínos de Camargo.

Para o jovem suinocultor, a classe suinícola precisa ser mais valorizada. "Sinto que seja necessário um olhar diferente com quem trabalha com a produção de alimentos, em especial a de suínos", comenta.

Quando questionado sobre as dificuldades no atual cenário de pandemia, ele mostra-se otimista em relação à volta a normalidade, mas não descarta a preocupação com alguns aspectos. "Minha preocupação nesse período está relacionada ao transporte da matéria prima para os suínos, de medicamentos e até mesmo o contato com os funcionários que vem de fora",

do produtor em meio à pandemia

Mateus com o pai Claudemiro, de 52 anos, 'tocam' a granja que há 20 anos trabalha no sistema integrado

avalia, lembrando a importância dos cuidados básicos como o uso correto da máscara, do álcool em gel e o distanciamento, sempre respeitando os limites.

Mateus trabalha em granja familiar, iniciada pelos avós na década de 80. Há cerca de 20 anos, a suinocultura antes independente passou para a fase de integração, com a qual trabalham até hoje.

Além de gostar, uma vocação

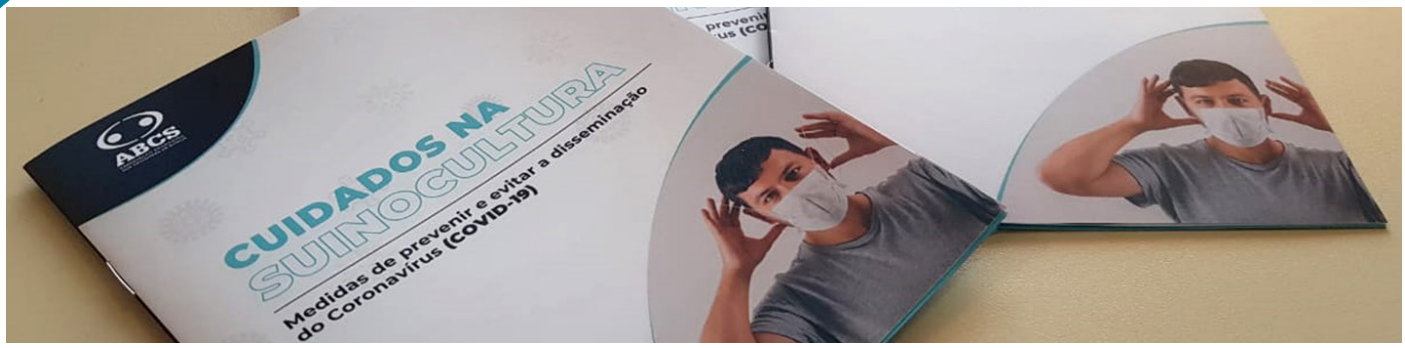
O presidente da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul – ACSURS, Valdecir Luis Folador, destaca a grandiosidade do trabalho do suinocultor para a economia tanto do município onde está situada a granja, quanto região, estado e até mesmo para o país. "A suinocultura é uma atividade que agrega valor em todas as fases, exigindo um grande volume de investimento. Então, o produtor que tem na propriedade a atividade suinícola está sempre investindo, gerando com a produção, com a comercialização", ressalta. "Isso resulta na geração de tributos, que retornam ao município e, no retorno ao município desses tributos gerados pela produção de suínos, eles são distribuídos para toda a população do município; ao nível de estado também", observa.

O dirigente frisa que o produtor rural que é suinocultor, além de ser extremamente profissional, precisa gostar muito da atividade. "Não é simples ser suinocultor. É uma atividade que exige do produtor muito trabalho, muito cuidado durante os 365 dias do ano, não tem feriado, não tem sábado, não tem domingo. Para ser suinocultor, além de gostar é preciso ser vocacionado, por causa de todos os desafios", destaca Folador.

"Para ser suinocultor, além de gostar é preciso ser vocacionado, por causa de todos os desafios", Valdecir Luis Folador, presidente da Acsurs.

Valdecir Luis Folador, presidente da Acsurs

Bruna Gomes Stahl



Material é completo e pode ser utilizado para o produtor tirar dúvidas pertinentes às atividades rotineiras no atual cenário de pandemia

COVID-19

Suinocultores gaúchos recebem material educativo e de prevenção

TEXTO: BRUNA GOMES STAHL

ESTADO - No mês de junho, mais de mil suinocultores gaúchos receberam através de correspondência, pedidos de sêmen e vendas no balcão um material educativo e de prevenção à COVID-19. A iniciativa, que deve atingir ainda mais produtores, é da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul – ACSURS, que reproduziu a publicação desenvolvida pela Associação Brasileira de Criadores de Suínos – ABCS.

O presidente da ACSURS, Valdecir Luis Folador, frisa que levar informação ao suinocultor gaúcho é um dos papéis da entidade. "É de suma importância fazer chegar estas informações até as casas e granjas dos suinocultores. Por mais que se tenha diversas formas de se informar sobre o tema, o material é completo e pode ser utilizado para o produtor tirar mais dúvidas sobre os cuidados durante a produção suinícola", destaca.

Além disso, Folador complementa que informação nunca é demais, e por isso é muito importante que os suinocultores leiam o material e adotem as práticas para preservarem sua granja, funcionários e família.

Ao ler o material, os suinocultores terão acesso a diversas medidas para prevenir e evitar a disseminação do coronavírus com dicas e orientações de prevenção contra infecção por COVID-19.

Disponibilização

O material também foi distribuído por meio de e-mail, em formato pdf, para diversos endereços cadastrados. Ele pode ser consultado no site da ACSURS – www.acsurs.com.br – guia ORIENTAÇÕES – COVID-19.

O produtor que, por acaso, não recebeu o material impresso e deseja solicitar, basta fazê-lo através do imprensa@acsurs.com.br

ON-LINE

Folador apresenta análise do atual cenário e perspectivas da suinocultura

TEXTO: BRUNA GOMES STAHL

ESTADO - O presidente da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul – ACSURS, Valdecir Luis Folador, participou, no dia 3 de julho, de seminário on-line promovido pela Emater/RS-Ascar Regional de Frederico Westphalen. O evento, realizado por meio do Skype, contou também com a participação do pesquisador e chefe adjunto de transferência de tecnologia da Embrapa Suínos e Aves de Concórdia/SC, Marcelo Miele.

O extensionista rural da Emater/RS-Ascar, engenheiro agrônomo Valdir Sangaletti, responsável pela abertura do evento on-line, destacou que encontros como este são importantes para a economia do setor, já que neste momento não podem ser realizados de forma presencial.

A primeira palestra do seminário foi realizada por Miele, que evidenciou a importância econômica da suinocultura e falou sobre o uso do aplicativo Custo Fácil para geração de indicadores. "O histórico dos custos vai aumentar a qualidade da informação e transparência que, por sua vez, pode reverter em ganhos para o setor agropecuário e para a cadeia produtiva. Ou seja, com uma gestão melhor é possível ter uma melhor renda agrícola", frisa Miele em relação ao aplicativo desenvolvido pela Embrapa Suínos e Aves.

Folador, que apresentou uma análise do cenário atual e as perspectivas da suinocultura, frisou que o setor suinícola brasileiro vem passando por um período diferente e com grande demanda nas exportações. "Isso faz com que as pessoas fiquem mais animadas em relação ao mercado como um todo e também tenham vontade de realizar investimentos", comenta.

O dirigente disse ainda que, apesar dos resultados serem positivos, é necessário prestar atenção no mercado pois o destino da carne suína está centralizado em apenas um continente, a Ásia. "Apesar de estarmos em alerta, é preciso aproveitar o bom momento da suinocultura brasileira. Sabemos que a China está em fase de recuperação do seu rebanho, que foi atingido pela Peste Suína Africana (PSA). Por conta disso, é necessário ter planejamento e cuidado nos investimentos a serem realizados nos próximos meses", destaca o presidente da entidade.

Com a pandemia de Covid-19, a demanda de carne suína no mercado interno reduziu, tendo como um de seus principais fatores as medidas de isolamento social e o alto índice de desemprego. Em cima desse cenário e também pelos altos custos de produção, Folador salientou que o setor só não está passando por uma crise novamente por causa dos resultados positivos nas exportações de carne suína.

Para finalizar, destacou a importância do trabalho desenvolvido pela Emater/RS-Ascar no setor suinícola. "O produtor que sabe aproveitar esse auxílio possui um diferencial em sua propriedade".

MERCADO

Recuperação gradativa no preço do suíno

TEXTO: BRUNA GOMES STAHL

ESTADO - Com baixas sendo registradas desde a segunda quinzena do mês de março, por conta do novo coronavírus, o preço pago pelo quilo do suíno vivo vem se recuperando gradativamente e tendo aumentos expressivos no Rio Grande do Sul.

Na segunda semana do mês de julho, a pesquisa realizada pela Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul – ACSURS com o apoio da MSD Saúde Animal, Minitube e Choice Genetics registrou o aumento de R$ 0,20 na cotação do suíno, ficando em R$ 4,64 ***(última cotação registrada até o fecho desta edição em 09/07)***.

O primeiro vice-presidente da ACSURS, Mauro Antonio Gobbi, explica que a pandemia, que ocasionou o baixo consumo de carne suína no mercado interno e também o fechamento de algumas plantas frigorificas, resultou nas quedas registradas nos últimos meses. "Além disso, tradicionalmente o preço da carne suína no primeiro trimestre costuma não ter os preços tão elevados", frisa.

Em relação ao atual momento, quando os aumentos começam a ser expressivos, Gobbi justifica que assim como os altos índices de exportação e a retomada das plantas frigorificas, as temperaturas baixas registradas no Estado também são uma influência, já que o mercado interno volta a consumir com mais frequência a proteína animal.

Outro fator que o vice-presidente da entidade destaca são os altos custos de produção. "Portanto, o preço precisa subir para remunerar o suinocultor", conclui.

Pesquisas

As pesquisas da cotação estão disponíveis no site da Acsurs: www.acsurs.com.br

EXPORTAÇÕES

Volume exportado de carne suína gaúcha

TEXTO: BRUNA GOMES STAHL

ESTADO - O Rio Grande do Sul tem em sua tradição ser um Estado produtor e exportador de diversas proteínas animais e diferentes cereais, ambos reconhecidos pela alta qualidade.

O recorde de exportações de carne suína no mês de maio e os resultados positivos de junho são um exemplo disso. Neste período, o Rio Grande do Sul exportou cerca de 51 mil ton toneladas da proteína, o que representa faturamento de US$ 122 milhões, conforme dados da Agrostat, plataforma disponibilizada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – Mapa.

Para esses resultados se manterem positivos, o presidente da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul - ACSURS, Valdecir Luis Folador, destaca que outro fator que deve ser lembrado e praticado todos os dias pelos suinocultores gaúchos é a sanidade durante toda a produção. "É preciso prezar pela qualidade da carne suína gaúcha. Por conta disso é necessário manter a sanidade do rebanho de suínos. Fator fundamental para continuarmos exportando grandes volumes e mantendo um equilíbrio entre o mercado interno e externo", frisa.

Comparativo

No mês de maio, o Estado gaúcho bateu recorde. Exportou 26 mil toneladas e arrecadou US$ 66,9 milhões, o que representa aumento de 87,4% em volume e 95,7% em faturamento se comparado com o mesmo período do ano anterior.

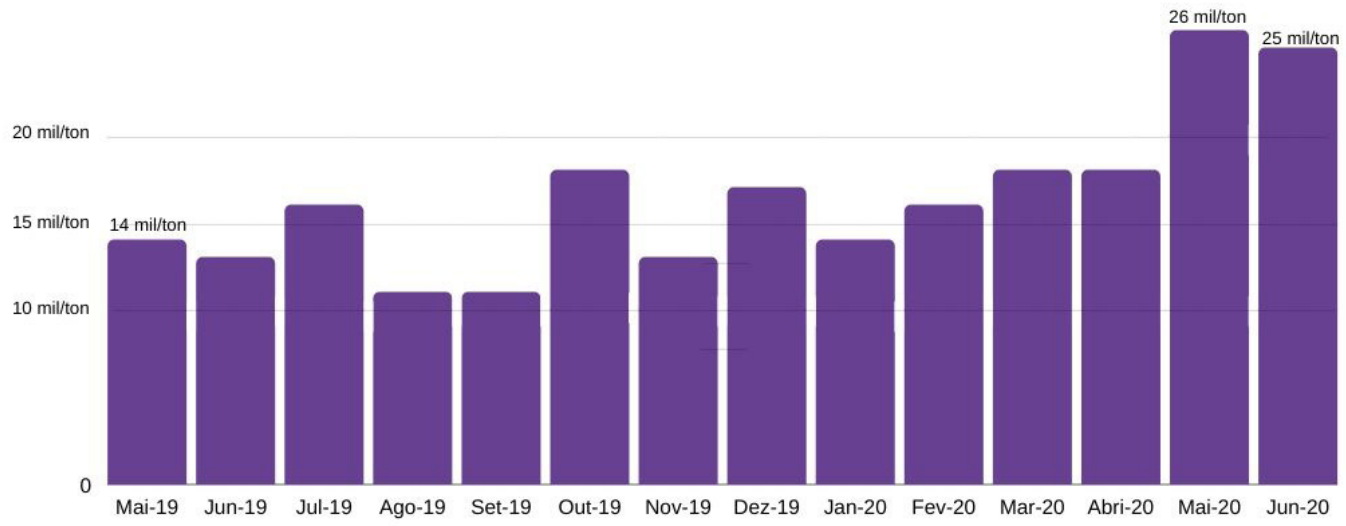


Gráfico mostra recorde na exportação gaúcha de carne suína no mês de maio de 2020

cresce expressivamente

Folador destaca que o número é bem significativo para a cadeia produtiva. "Comparando com os anos anteriores, ficou muito expressivo e acima. Seguiu o volume nacional", destaca

O presidente da entidade ainda diz que esse número se dá por conta do Rio Grande do Sul ser o terceiro maior produtor de carne suína do Brasil e ter diversas plantas habilitadas para a exportação da proteína animal.

Complementa, no entanto, que o aumento de volume exportado se deu por causa do baixo consumo interno. "Com menos consumo no mercado interno, a tendência é que um maior volume seja direcionado para as exportações", justifica.

Os preços mais altos também favorecem a venda da carne suína para outros países. "É uma forma de ajustar a oferta e a demanda no mercado interno, já que a procura diminuiu, causada pelas medidas que restringem a circulação e a alta taxa de desemprego no país", explica Folador.

Assim como no mês anterior, os resultados se mantiveram positivos em junho, registrando 25 mil toneladas de carne suína gaúcha exportada e US$ 55 milhões arrecadados para a cadeia produtiva.

Análise do presidente

O que justifica o aumento nas exportações?

Folador: O aumento das exportações é justificado pela demanda do mercado asiático, de países como China, Hong Kong e Singapura, que são os principais importadores de carne suína brasileira. Esse aumento na demanda ocorre devido ao problema de redução do rebanho pela peste suína africana (PSA) que esses países enfrentaram e ainda estão enfrentando. A China produzia em torno de 50 milhões de toneladas de carne suína por ano e com a PSA, segundo estimativas, é que se produza em torno de 35 milhões de toneladas de carne suína em 2020.

Depender apenas de um mercado é preocupante?

Folador: Sem dúvida, é preocupante e arriscado demais. Já fomos dependentes da Rússia até 2018. Desde o início da década de 2000, quando o Brasil se tornou um grande exportador de carne suína, de 2000 a 2018 a Rússia sempre foi o nosso maior cliente. Chegamos a ser dependentes da Rússia em 60%, 65% de todo volume de exportações de carne suína brasileira, como hoje nós somos dependentes da China e Hong Kong em quase 70%. Então, na verdade, só viramos a chave da dependência. Deixamos de ser dependentes da Rússia e passamos a ser dependentes do mercado chinês.

Quais são as perspectivas para o próximo semestre?

Folador: Continuo acreditando que o segundo semestre deve se manter no mesmo ritmo de maio e junho. Esperamos que essa pandemia tenha um arrefecimento para o segundo semestre, que as coisas comecem a voltar ao normal. Se isso acontecer, a tendência de melhora de mercado interno, de consumo será muito boa para o setor, recuperando ainda mais os preços do suíno, a rentabilidade, fazendo com que o produtor possa ter preços para cobrir o custo de produção e sobrar dinheiro na atividade.

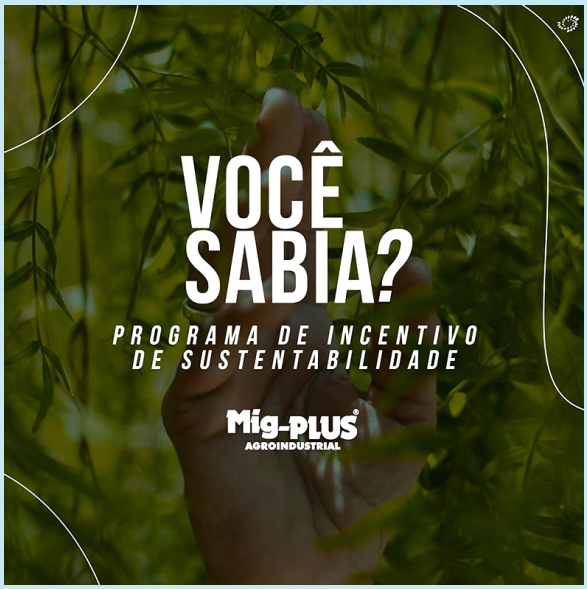
Espaço da Parceira da Suinocultura Gaúcha

Mig-PLUS

Anualmente, a Mig-PLUS promove a cada data comemorativa ou de conscientização uma campanha, seja através de palestras, material informativo ou eventos.

O Programa de Incentivo de Sustentabilidade tem como objetivo difundir atividades humanas que visem saúde, qualidade de vida, sustentabilidade entre os colaboradores da empresa e a sociedade.

As ações conseguem despertar a importância sobre a qualidade de vida e o comprometimento de todos com o futuro das próximas gerações, assim como a preservação dos recursos naturais.



MIG PLUS AGROINDUSTRIAL

Programa tem como objetivo difundir atividades que visem a qualidade de vida dos colaboradores